



## O PROCESSO AUDIOVISUAL NAS AULAS DE FILOSOFIA

Everson Daniel Silva da Costa<sup>1</sup>

Cristiano Cerezer<sup>2</sup>

Marcela da Silva Sokolovicz<sup>3</sup>

Daniela Wilhelm<sup>4</sup>

Elisete M. Tomazetti<sup>5</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentamos a relação entre Filosofia e Cinema do ponto de vista didático-pedagógico. O contexto que envolve o ensino de filosofia para jovens, na escola, é complexo já que há tantos possíveis objetivos educacionais que podemos atribuir à filosofia, tantos fins filosóficos e as possíveis formas de alcançá-los. Nossa proposta será usar o cinema como uma forma auxiliar, de esclarecimento e ponto de partida para as leituras filosóficas tendo como modelo principal a obra “O Cinema Pensa” (CABRERA, JULIO. O Cinema Pensa: Uma Introdução À Filosofia Através dos Filmes. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2000). Nas aulas de filosofia podemos ir além do cinema como uma forma de arte e experiência estética, pode-se levar aos alunos e com eles problematizá-lo e dar-lhe significação, transformando a filosofia como ela é: uma forma de pensamento autônoma, vívida e em transformação, pois através de um ou vários conceitos-imagem se pode explorar o cotidiano do jovem na tela do cinema, em uma cena do filme onde deparamo-nos calados e estáticos diante das aflições humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente como ela nos aparece. A cultura hodierna é centrada, sobretudo, na imagem: acelerada, vertiginosa, telecomunicada, distorcida, ampliada e quase onipresente. É uma “verve visual” disseminada em outdoors, televisão, internet e cinema. Este último, no entanto, não se reduz a um sintoma da época modernista marcada pela velocidade e pela confusa proliferação de tendências. Ele ilustra a evolução de uma técnica, sim, mas acima de tudo uma evolução da representação do pensamento em imagens, da mobilização das imagens por um pensamento e da produção de metáforas para a vida, em busca de uma inteligibilidade e expressividade melhores; isto é, promove, recolhe e integra em seu âmago as diversas artes precedentes, acrescentando-lhes uma dimensão nova que o aproxima da vida. Ele é uma “espiral virtuosa poli-imagética”. O movimento e a temporalidade passam a ser introduzidos no fluxo de imagens, não como produto mecânico de um encadeamento de fotogramas, mas como força de organicidade e vivacidade de um “pensamento”. A cinematografia é uma ferramenta expressiva

<sup>1</sup> Autor. Acadêmico do Curso de graduação em Filosofia Licenciatura Plena – UFSM. Em atividade no Projeto de Extensão e Pesquisa – *Cinema e Filosofia: transversalidade na formação juvenil* (Doutora Elisete M. Tomazetti). E-mail: [eversondanielpsico@gmail.com](mailto:eversondanielpsico@gmail.com)

<sup>2</sup> Co-autor. Acadêmico do Curso de graduação em Filosofia Licenciatura Plena – UFSM. E-mail: [cristianocerezer@gmail.com](mailto:cristianocerezer@gmail.com)

<sup>3</sup> Co-autora. Acadêmica do Curso de graduação em Filosofia Licenciatura Plena – UFSM. E-mail: [msokolovicz@hotmail.com](mailto:msokolovicz@hotmail.com)

<sup>4</sup> Co-autora. Acadêmica do Curso de graduação em Filosofia Licenciatura Plena – UFSM. E-mail: [daniela\\_wil@yahoo.com.br](mailto:daniela_wil@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Professora do Departamento de Metodologia do Ensino – UFSM e Orientadora do Projeto de Extensão e Pesquisa – *Cinema e Filosofia: transversalidade na formação juvenil*. E-mail: [elisetem2@gmail.com](mailto:elisetem2@gmail.com)

elástica, uma inesgotável geradora de metáforas, para um pensamento que deseja mover-se e expressar mais, que é essencialmente “movimento crítico”. A compleição dinâmica, evolutiva e poli-imagética significa o seguinte: contínua incorporação e abertura de possibilidades expressivas. O filme possui uma experiência social, ele se torna uma “matéria de expressão”, partir das imagens, que é feita uma reorganização e reestruturação da realidade, o espectador em frente a tela, criativamente investiga e reconstrói o mundo do fato filmico. Quanto mais elementos da relação ensino-aprendizagem estimular o interesse do aluno e quanto mais a alfabetização, no sentido tradicional da expressão, estiver avançada, tanto mais o uso do cinema em sala de aula será otimizado.

**Palavras-chave:** Cinema, Imagem, Ensino de Filosofia

## **1. Da Filosofia ao Cinema: um itinerário educativo e reflexivo**

### *1.1. Filosofia: despertar da consciência crítica e conceituação do real*

Pensar é tornar o enigma um problema. A teoria só significa um sentido através do sentimento, com o impacto que o real engendra ao modo de sensação e de questão. A realidade é uma provocação. Os homens são enigmas ambulantes, e são, ironicamente, seu maior mistério e suas questões mais persistentes. A questão do humano, do homem encarnado, de seu lugar e de seu valor, perpassa a pergunta pelo real e pelas feições do mundo que se descortina.

Não é à toa a afirmação reiterada de que a “razão” nasce do “espanto”; não somente, se olharmos de modo penetrante, na acepção de “admiração” (*thauma*), mas de “dor inquietante” (*trauma*). Aquilo que sentimos ao tocarmos e sermos tocados pela vida, o choque do real, deve nos despertar, servir de gênese e alarme para a razão; noutras sílabas, a *dimensão pática e dramática* motiva e orienta a *dimensão lógica*. O sentido ético e estético que convergem nesta “logopatía” de apreensão e aproximação discursiva do real, sobressaltam um espírito incansavelmente inquieto: o espírito humano se expressa para encontrar-se.

Remontando à etimologia: *philosophia* (do grego “Philo” = amor, amizade, desejo; e “Sophia” = sabedoria, conhecimento, sabor do real) quer dizer “amor à sabedoria”, “desejo do real e verdadeiro”. Segundo Pitágoras criador do termo, “filosofia” significa a busca incessante do saber, o conhecimento aberto a questão, a pergunta que faz emergir a dúvida na fragilidade das certezas irrefletidas, o desejo

insatisfeito e persistente pelo “elevado”. Esta dimensão de *altura* é da altura que a gravidade se alimenta e da qual o impacto tira seu poder despertador\_ é o guia de uma reflexão atenta e de uma renovação constante da inteligência e da *sensibilidade crítica*. A atitude de abstração teórica, de distanciamento e apropriação analítica do real, de modo algum é impassível; eles só são possíveis ao admitirem uma passividade, uma abertura sensível mediante a qual aproximamo-nos e nos ferimos. Sem acordar, sem espantar-se para abrir os olhos fica difícil contemplar e analisar algo.

Primeiro sentimos, depois a consciência, sempre atrasada em relação à sensação, tenta se voltar sobre a “ferida aberta”, refletir-se, apreender a realidade num conceito. Não obstante, o conceito mostra-se assintótico ou aproximativo, perpetuamente desconstruído e reconstruído sob novos ângulos e matizes, dada a vibração sensível e o excesso inesgotável da realidade em si. O *pathos* do real abre o “aceito-com” (concepto) e re-desperta o logos que já principiava a dormir em “certezas prontas”. *A carne passa a amar a agulha que a perfura mantendo-a viva, desperta, pulsante, viandante*. Quem ama “vai atrás”, busca aquilo que ama. Daí o filósofo como sendo aquele que está sempre em busca do saber da realidade que inquieta e provoca.

Platão concebia um “Bem além do Ser e do Belo” e um “Belo além das certezas imediatas”, sem embargo, seu interesse pelo ideal elevado à categoria maior da razão não dispensa o sensível, sequer pode pensar-se sem sentir. Além dessa consideração, a intuição platônica possui sua relevância magistral: a certeza sensível deve elevar-se, pelo diálogo e pela reflexão, a uma idéia cada vez mais exata e elucidativa do real. Hegel ressuscita tal idealismo acrescentando-lhe a vitalidade dialética, de inspiração heraclitiana, que tem como sustentáculo tanto riqueza germinal do mundo, quanto o lastro intersubjetivo do espírito que visa apropria-lo e torna-lo plenamente consciente de si num conceito.

Ao compreender o mundo, o homem compreende a si próprio; entretanto, isso só é possível mediante a cultura e a interpelação dos sujeitos no evento renovado da linguagem. A linguagem cria e recria signos, reconfigura-se através de novas metáforas, transforma-se com os gestos e as expressões dos homens em suas relações dinâmicas e indagações incessantes. A fenomenologia, a semiótica, o existencialismo, a psicanálise e todo o pensamento contemporâneo em que Bergson, Husserl, Heidegger, Sartre, Lévinas, Merleau-Ponty, Freud, Lacan, Jung e outros se destacam como exemplos que abraçam esta preocupação com o jogo da significação da consciência sensível

teorizando e praticando no e o mundo. A polissemia da razão é riqueza de evocação ou algaravia?

Talvez a filosofia seja este suscitar, inquietar e conciliar constante de vozes diversas. Sua importância está na formação do homem, no *despertar de sua consciência crítica*, na orientação de sua evolução lógico-ético-estética no seio da sociedade e da descoberta do mundo e de si como ser-no-mundo e como ser-em-face-dos-outros.

Destarte, podemos dizer que o terreno mais fértil da filosofia é a educação. Isto significa dizer, também, que sua função é o despertar crítico de uma consciência atenta e reflexiva, sensibilizada pelas questões e formuladora delas, e o esforço constante para conceituar e compreender. A efervescência e revolução constantes da cultura fornecem as técnicas, os paradigmas e as metáforas de que a filosofia se vale e com os quais discute. Vamos agora ao cinema, sentando nos primeiros lugares.

### *1.2. Cinema: a reflexividade da câmera e a temporalidade feita imagem*

Desde a invenção do cinemátique pelos irmãos Lumière, o mundo jamais foi o mesmo, o homem entrava numa era em que a “visão”, “o ver” entrava em voga, as imagens que antes eram paradas, agora estavam ali sendo projetadas numa tela ou às vezes apenas um pano branco, e ali estavam as imagens em movimento, ali estavam pessoas de verdade saindo de uma espécie de caixa mágica. Surgia então o cinema, onde pouco se tornaria uma parte essencial do mundo moderno, que por sua tela perpassariam notícias do mundo e também onde se contariam histórias que antes estavam apenas nos livros, histórias de fantasias, comédias e também algumas que parece encaixar-se perfeitamente no nosso cotidiano, que poderia acontecer ou estar acontecendo com qualquer um. Estava aí o grande potencial de invenção dos irmãos Lumière, o modo que ela foi usada, além de uma experiência estética, o cinema foi e é usado também como uma experiência cognitiva.

Com um pouco mais de um século de existência, o cinema já perpassou e fez parte de uma boa parte da história da humanidade contemporânea. E cada vez mais com a evolução tecnológica, o aparecimento das chamadas “novas tecnologias”, vivemos num mundo sedento por imagens, onde cada quadro, ângulo da câmera é assistido por milhares e milhares de olhos através da tela de televisão, internet ou o próprio cinema. Vivemos num mundo que George Orwell no seu livro “1984” prenunciou vivemos num mundo em que o Grande Irmão somos nós, os reality shows como Big Brother, Casa

dos Artistas e outros vêm preencher uma espécie de lacuna, um desejo fetichista no qual o objeto supre este vazio, é a imagem, que no caso da televisão são usufruídas como mercadoria, segundo Maria Rita Kehl (Videologias, São Paulo. Ed. Boitempo, 2004).

A mídia, como seu significado já diz, é um meio, e cabe a nós direcioná-las e tentar dar-lhes um sentido, ir além do desejo “fetichista”, o olhar por olhar, e problematizá-la.

Neste contexto poderíamos ousar falar que as obras cinematográficas são algumas exceções neste meio onde somos bombardeados por imagens, no dia-a-dia, onde quer que estejamos. Na sétima arte, além da experiência estética, existe um fruir em direção ao sujeito, um dizer algo, no caso certas cenas seria um produtor de significante onde o espectador é afetado, onde neste espaço fora da temporalidade da câmera, nós vivenciamos as aventuras e agruras da personagem, identificamos um fato, local que nos soa familiar, ou que até poderia ter acontecido ou acontecer conosco, pois o filme une literatura, a arte de contar histórias, com imagens em movimento, e é este jogo imagens em movimento, sons e cores que geram em nós uma afecção que leva-nos a chorar ou a sorrir. No espaço filmico, aonde se desenvolve e acontece a trama, também é onde o espectador encontrar seu espaço cognitivo, como um agente re-significador de conceitos.

Com o surgimento do cinema em 1895, ano o qual foi realizado a primeira projeção pública organizada pelos irmãos Lumière, entrava-se na chamada era “audiovisual”. O fato de o filme ser um fenômeno multidimensional, e por ter uma função criadora de imagens, e exercerem um novo tipo de linguagem, e ser algo inteiramente novo e ainda surpreendente, no meio acadêmico, livros inteiros dedicavam-se a comentar exclusivamente sua existência. Com o decorrer dos anos o cinema foi inserido nos costumes da sociedade “preenchendo a vida do homem moderno com velocidade, tensão e medo... tal maneira de fazer cinema, que responde nos filmes aos anseios dos indivíduos submersos em uma coletividade extremamente ansiosa, impulsionou o enraizamento do cinema na sociedade urbana” (Oliveira, Rodrigo Cássio, 2007, p. 1-2).

Desde sua primeira apresentação em 1895, o cinema evoluiu, do cinema mudo que trabalhava só com uma combinação de imagens fotográficas móveis; para o cinema hoje conhecido com uma linguagem que se estabelece, além da combinação de imagens em movimento, combina ruídos, de falas e de músicas, levando ao espectador um sentido de uma linguagem nova, na qual nesses quatro elementos já citados, ele se vê

submerso e chamado a experienciar uma realidade até então desconhecida, mas a qual se reconhece.

## **2. O Cinema de mãos das com a Filosofia: o processo audiovisual e a arte cinematográfica na “educação para o pensar”**

Júlio Cabrera em seu livro “O Cinema pensa: Uma Introdução a Filosofia Através dos Filmes”, chama esta afecção que o cinema nos provoca de logopatia (logos = lógica e pático = elemento afetivo), pois, além da linguagem filosófica lógica através da imagem dar-se-ia num sentido cognitivo para o conceito através da racionalidade logopática. Os “conceitos-imagem” do cinema produzem um impacto emocional que diz algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza e tem um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através de seu componente emocional.

No estágio atual do desenvolvimento tecnológico e das transformações culturais, “há um predomínio do “ver” como sentido humano de maior importância, o que se torna evidente na convivência intensiva dos indivíduos com as imagens, sejam elas geradas por câmeras fotográficas, circuitos internos de TV, pela exploração do “ver” na publicidade, pelas inovações que potencializam a comunicação visual via internet, ou, finalmente, mas não menos importante, pela quase onipresença da televisão no dia-a-dia das pessoas” (Oliveira, Rodrigo Cássio, 2007, Ibid).

O uso do cinema nas salas de aula do ensino médio tornou-se uma prática comum, no mundo, onde os meios de comunicação apresentam-se de forma massiva. Sendo isto um reflexo da cultura contemporânea marcada pela presença efusiva das imagens, devido ao atual desenvolvimento tecnológico e transformações culturais que a globalização propicia, vivencia-se uma “cultura visual”. Onde a produção imagética predomina, seja em revistas, televisão, internet ou cinema, há uma crescente exploração do sentido do ver, do “olhar” como um sentido de conhecer, trazer a tona. E é neste contexto, que nestes últimos anos houve uma aproximação entre cinema e filosofia, abordando temas filosóficos usando como pano de fundo estas obras audiovisuais. Os filmes, então, figurariam como motes para a discussão de algo externo a eles, ou seja, a filosofia é levada ao filme para o espectador, e, por sua vez, serve de ponto de partida para a reflexão filosófica, oferecendo conteúdo para que ela se realize.

O filme possui uma experiência social, ele se torna uma “matéria de expressão”, ou seja, “o discurso cinematográfico inscreve suas configurações significantes em

suportes sensoriais de cinco espécies: a imagem, o som musical, o som fonético das falas e o traçado gráfico das falas” (Metz, Christian. 1980, p.15-16), sendo que, numa análise estrutural interessa-se pelas imagens. Pois a partir das imagens, que é feita uma reorganização e reestruturação da realidade, o espectador em frente a tela, não se torna passivo, com sua natureza humana que jamais indiferente mas sim ativa, criativamente investiga e reconstrói o mundo do fato filmico. Quanto mais elementos da relação ensino-aprendizagem estimular o interesse do aluno e quanto mais a alfabetização, no sentido tradicional da expressão, estiver avançada, tanto mais o uso do cinema em sala de aula será otimizado. Poderemos então, levar o processo filmico além da experiência estética, e utilizá-lo como uma ferramenta didático-pedagógica que auxiliará como um agente criador de conceitos no espaço da sala de aula.

### *2.1. Possibilidades do uso do Cinema em sala de aula*

#### *2.1.2. O Cinema Pensa*

O cinema pode agir como mola propulsora da atividade filosófica na medida em que possibilita mediante a realidade ficcional posta, causar a afetação necessária que põe em marcha um processo de intelecção da problemática experienciada na trama. No uso do cinema nas salas de aula do ensino médio tornou-se uma prática comum, no mundo, onde os meios de comunicação apresentam-se de forma massiva. Sendo isto um reflexo da cultura contemporânea marcada pela presença efusiva das imagens, devido ao atual desenvolvimento tecnológico e transformações culturais que a globalização propicia, vivencia-se uma “cultura visual”. Onde a produção imagética predomina, seja em revistas, televisão, internet ou cinema, há uma crescente exploração do sentido do ver, do “olhar” como um sentido de conhecer, trazer a tona.

E é neste contexto, que nestes últimos anos houve uma aproximação entre cinema e filosofia, abordando temas filosóficos usando como pano de fundo estas obras audiovisuais. Os filmes, então, figurariam como motes para a discussão de algo externo a eles, ou seja, a filosofia é levada ao filme para o espectador, e, por sua vez, serve de ponto de partida para a reflexão filosófica, oferecendo conteúdo para que ela se realize. Mas como o cinema pode educar o pensamento? De que maneira a razão pode ser sensibilizada e provocada pela afecção da imagem que porta questões? Como se pode fazer a ligação entre imagem e um conceito filosófico?

Pensar sempre pressupôs pôr-se em movimento na direção de uma verdade ou valor “desejáveis”, a partir de um “espanto” que insere um problema e suscita o despertar. A essência filosófica do pensar encontra-se com a essência discursiva do cinema das imagens em movimento, um movimento que o envolve que nem o ato de pensar que o leva mais além, fazendo o espectador “a pôr-se no lugar de”, “a perguntar-se por” e a “pensar sobre” enquanto se vê num enredo “que poderia ser o seu”. O espírito humano vive aí numa “cinemática” de imagens que trazem em si um conceito (conceito-imagem), e o enredo nos envolve numa logopatia, afetividade e sensibilidade que dão impulso a razão e ao discurso, que abrem espaço para o diálogo com a obra.

Segundo Julio Cabrera em sua obra *o Cinema Pensa*: “A filosofia não deveria ser considerada algo perfeitamente definido antes do cinema, mas sim algo que poderia modificar-se com esse surgimento”. E sua discussão acerca de conceitos filosóficos e na tentativa de criar novos conceitos: “Porque permite a experiência estética, porque fecunda e expressa dimensões da sensibilidade, das múltiplas linguagens e inventividades humanas, o cinema é importante para a educação e para os educadores, por ele mesmo, independentemente de ser uma fonte de conhecimento e de servir como recurso didático-pedagógico como introdução a inovações na escola.”(Teixeira, Inês Assunção de Catro & Lopes, José de Souza Miguel, 2003, p. 11).

E é neste ponto que Cabrera em seu livro leva além, deixamos de ser um espectador passivo diante da tela, e nos tornamos participantes ativos das imagens em movimento que perpassam pela tela, colocamo-nos no lugar, sofremos, sorrimos, entramos neste mundo ação que é o espaço filmico, e com ele criamos e recriamos nosso mundo, reorganizando e criando novos conceitos acerca do processo imagético o qual ele constitui. Nesta tentativa de estabelecer uma relação deste com o cinema, é aos poucos construído com os alunos e organizado perguntas num problema filosófico dentro do filme estudado, leitura e escritas filosóficas, investigação e diálogos filosóficos, avaliação e criação de saídas filosóficas para o problema investigado.

Segundo Cabrera: “Costumamos dizer a nossos alunos que, para se apropriar de um problema filosófico, não é suficientemente entendê-lo: também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando “entendemos” plenamente o enunciado objetivo do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente entendido” (CABRERA, 2006, p. 16).

Nas aulas de filosofia podemos ir além do cinema como uma forma de arte e experiência estética, levar aos alunos e com eles problematizá-lo e dar-lhe significação, transformando a filosofia como ela é uma forma de pensamento autônoma, vivida e em transformação, pois através de um ou vários conceito-imagem se pode explorar o cotidiano do jovem na tela do cinema, em uma cena do filme onde deparamo-nos calados e estáticos diante das aflições humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente como ela nos aparece. A filosofia surge como uma tentativa de elaboração de saídas para problemas concretos, por meio da criação de seus conceitos. As questões filosóficas são universais, são humanas assim como o fascínio do homem pela imagem sempre em movimento. Ou seja, o cinema apresentaria pelo recurso da imagem o que às vezes apresenta-se na forma escrita de uma forma de difícil compreensão. Então certos conceitos filosóficos seriam muito mais bem expostos pelas imagens de um filme.

Assim, além da linguagem filosófica lógica através da imagem dar-se-ia num sentido cognitivo para o conceito através da racionalidade logopática (logos = lógica e pático = elemento afetivo). Surge então o chamado “conceito-imagem” que para Cabrera “é instaurado e funciona no contexto de uma experiência que é preciso ter, para que se possa entender e utilizar esse conceito” (Ibid, p. 21), isto é, há sempre uma idéia ou um conceito a ser transmitido pela imagem em movimento. “Os conceitos-imagens do cinema, procuram produzir em alguém (um alguém sempre muito indefinido) um impacto emocional que, ao mesmo tempo, diga algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza, etc. e que tenha um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através do seu componente emocional” (Ibid, p. 22).

Os “filósofos cinematográficos” sustentam que, ao menos, certas dimensões fundamentais da realidade (ou talvez toda ela) não podem simplesmente ser ditas e articuladas logicamente para que sejam plenamente entendidas, mas devem ser apresentadas sensivelmente, por meio de uma compreensão “logopática”, racional e afetiva ao mesmo tempo (...) essa apresentação sensível deve produzir algum tipo de impacto em quem estabelece um contato com ela. (...) por meio dessa apresentação sensível impactante, são alcançadas certas realidades que podem ser defendidas com pretensões de verdade universal, sem se tratar, portanto, de meras “impressões” psicológicas, mas de experiências fundamentais ligadas a condição humana, isto é, relacionadas a toda a humanidade e que possuem, portanto, um sentido cognitivo (Ibid, p. 20).

Mais a frente ele afirma “que mediante esta experiência instauradora (que é o cinema) e emocionalmente impactante, os conceitos-imagem afirmam algo sobre o mundo com pretensões de verdade e universalidade, mas, o cinema não elimina a verdade nem a universalidade, mas a redefine dentro da razão logopática. A universalidade do cinema é de um tipo peculiar, pertence à ordem da Possibilidade e não da necessidade” (Ibid, p. 23). Pois o cinema pode penetrar nos recantos mais intimistas do ser, fustigando as sensações, e emoções e sentimentos mais profundos. Ele tem o poder de entrelaçar as teias simbólicas das infinitas culturas tramadas ao longo da história. Os livros fabulosos, as fábulas mais verossímeis, os épicos arrebatadores, as tragédias insólitas e os afetos mais nobres, filmes que atuam no imaginário coletivo como sinalizador das experiências de êxtase, ternura, amor, ódio, perplexidade, são materializados na visibilidade do cinema. São narrativas que condensam as afetividades mais extremas dos seres humanos. Isto propicia uma aproximação das fronteiras mais distintas, acalenta os desejos mais profundos da humanidade.

“Um dos pressupostos básicos para que o cinema tenha as características mencionadas na formulação do conceito-imagem é que nos disponhamos a ler o filme filosoficamente, isto é, a tratá-lo como um objeto conceitual, como um conceito visual e um movimento. Ou seja, devemos impor a pretensão de verdade e universalidade em nossa leitura do filme, quer o diretor tenha proposto isto ou não” (Ibid, p. 45). Os “conceitos-imagem” do cinema produzem um impacto emocional que diz algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza e tem um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através de seu componente emocional. Mediante uma experiência emocionalmente impactante, os “conceitos-imagem” afirmam algo sobre o mundo com pretensões de verdade e de universalidade. O cinema é universal não no sentido do “acontece necessariamente com todo mundo”, mas no de “poderia acontecer com qualquer um”. Temos com isso os pressupostos básicos nos quais Cabrera se apóia para defender que “o cinema pensa”. E a partir desta afirmação de Cabrera se responde a pergunta feita no item interior de como se ligar um conceito filosófico a uma imagem em movimento, ele nos propõe através do conceito-imagem, que nos insere no contexto, na problemática na cena que é proposta, a partir do que autor-diretor ou diretor-autor tenta passar e é captado pelo espectador através da logopatia. Então o cinema seria uma via de duas mãos, pois ele pensa e pode fazer pensar.

## *2.2. Ensino de Filosofia e Cinema*

E é neste caminho que o educador, neste caso, o professor de filosofia, deve se valer do cinema, do filme em sala de aula. Através do processo imagético levar o educando em um processo que lhe enseje no mundo da filosofia, que o faça adentrar no plano teórico conceitual filosófico pela porta das imagens em movimento, que são os filmes. Nesta forma é realizada uma inserção do filme como uma narrativa que comporta e apresenta, através da imagem em movimento, problemas filosóficos importantes que na forma de texto não “afetam” o sujeito na sua radicalidade. Não só apenas pela razão lógica, mas também pela razão pática, uma razão que Cabrera (2006) chama de *logopática* é que filme desenvolve um ou mais conceitos-imagens. Este, o *conceito-imagem*, que deve ser problematizado e compreendido, também de forma rigorosa e não apenas pela assistência desinteressada das cenas do filme.

Então, com este recurso didático pedagógico poderíamos adentrar o universo do jovem aluno e trazê-lo ao universo da experiência filosófica com um instrumento que está presente no seu dia. O jovem é bombardeado constantemente a imagem, e fazê-lo começar a pensar crítica e autonomamente acerca do que além do que a mídia e o cotidiano lhes oferecem um pensamento além dos critérios da indústria, da coisificação e da obediência à regra inquestionável do consumo automático. Essa inserção do aluno na filosofia através dos filmes não é de todo alienígena, “porque se admitirmos que a relação com a obra audiovisual participa de modo significativo da formação geral das pessoas” (Duarte, 2002) , o cinema deixa de ser apenas um complemento, uma ajuda adicional dentro da sala de aula, ele começa a atuar como um agente explicitador de idéia, com conceitos, como dito antes, um recriador, reconstrutor do mundo através da filosofia e uma porta de entrada para o saber filosófico. A união da experiência filosófica com o processo imagética pode resultar num espaço de criação e recriação de conceitos, um lugar de experiência filosófica vivida e impactante. Uma chance de sairmos daquele canto escurinho da sala de vídeo e conceber uma incursão que ajusta cinema e filosofia.

## **Referências bibliográficas**

- CABRERA, JULIO. **O Cinema Pensa: Uma introdução À Filosofia Através dos Filmes**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- TEIXEIRA, INÊS ASSUNÇÃO DE CASTRO. **A escola vai ao cinema** / organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Souza Miguel Lopes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ANDREW, J. DUDLEY. **As Principais Teorias do Cinema: uma introdução**. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.
- CANEVACCI, MASSIMO. **Antropologia do Cinema**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- DUARTE, ROSÁLIA. **Cinema e Educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- METZ, CHRISTIAN. **Linguagem e cinema**. Tradução de Marília Pereira. Coleção debates. Editora Perspectiva, 1980.
- OLIVEIRA, RODRIGO CÁSSIO. **O Cinema no Ensino de Filosofia: mais que um recurso pedagógico**. VII Fórum Sul de Ensino de Filosofia – PUC-RS, 2007.
- INÁCIO, M. DE LOURDES SECORUN. **Arte, Filosofia e Cinema**. Fórum Sul de Ensino de Filosofia – PUC-RS, 2007.
- NAPOLITANO, MARCOS. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- MORAES, AMAURY C. **A escola vista pelo cinema**. IN: **Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Volume I**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.
- SETTON, Maria da Graça J. (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume : USP, 2004.
- EISENSTEIN, S. **Reflexões de um Cineasta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- EISENSTEIN, S. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- EISENSTEIN, S. **O Sentido do Filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BAZIN, ANDRÉ. **O Cinema da Crueldade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAZIN, ANDRÉ. **O Cinema: Ensaio**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- VANOYE, F. et al. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BUCCI, EUGÊNIO e KEHL, MARIA RITA. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.